

passagem do Nordeste, no sentido Oriente-Occidente, ligando o Japão a Portugal, levada a efeito entre 1660 e 1662 com enorme esforço. A par de Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão de Magalhães, muitos outros navegadores, que fizeram *a Terra inteira, de repente / surgir redonda do azul profundo*, nas avisadas palavras de Fernando Pessoa, mereceriam figurar nesta galeria de indígetes.

No ano em que se comemora o quinto centenário da partida de Fernão de Magalhães de Sanlúcar de Barrameda, Cádiz, com cinco naves e pouco mais de duas centenas de tripulantes, para aquela que seria a primeira viagem de circun-navegação, recordemos o feito, dando voz a Miguel Torga, *daquela Alma de tojo arnal sobre uma fraga / A namorar a terra em corpo inteiro*. É certo que Magalhães não logrou terminar o itinerário que se propusera realizar, com tanto aferrro, por ter sido morto, a 27 de Abril de 1521, nas Filipinas, em consequência de uma seta curarizada. João Lopes Carvalho, também ele português, tomou então o comando da expedição mas, volvidos dois meses, o basco Sebastião Elcano recebeu tal encargo. A 6 de Setembro de 1522, a nau *Victoria*, com 18 homens a bordo, lançou âncora em Sevilha. Na memória conservava a imagem daquele português que tendo servido em Goa, Cochim, Quíloa, Cananor, Malaca, Diu e Azamor, acabou por perecer com a espada numa das mãos e o crucifixo na outra ao serviço de bandeira forânea.

António José Chrystêllo Tavares

Ângela Barreto Xavier é Investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Doutorada em História e Civilização pelo Instituto Universitário Europeu, de Florença, é mestre em História Política e Cultural e licenciada em História e História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa. Leccionou na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no ISCTE-IUL, foi Maître de Conférences Invitée na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, e Visiting Scholar no Departamento de História da Universidade de Harvard. É actualmente Professora Convidada da Cátedra Joaquim Heliodoro Cunha Rivara, da Universidade de Goa. Autora de mais de cinquenta publicações, nacionais e internacionais, das quais se destacam os livros *Monarquias Ibéricas em Perspectiva Comparada (sécs. XVI-XVIII)*. *Dinâmicas Imperiais e Circulação de Modelos Administrativos* (2018, org. com Federico Palomo e Roberta Stumpf), *O Governo dos Outros. Poder e Diferença no Império Português* (2016, org. com Cristina Nogueira da Silva), *Catholic Orientalism. Portuguese Empire, Indian Knowledge, 16th-18th centuries* (2015, com Ines G. Županov) e *A Invenção de Goa. Poder Imperial e Conversões Culturais nos séculos XVI e XVII* (2008).

V CENTENÁRIO DA CIRCVM-NAVEGAÇÃO DE FERNÃO DE MAGALHÃES

SÉRIE DE CONFERÊNCIAS

FROM 1498 TO MAGELLAN. MEMORIES AND ARCHIVES

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA BARRETO XAVIER



PANGIM, GOA, ÍNDIA

JVLHO - MMIXX

A estrada oceânica que Portugal rasgou no dealbar da centúria de Quatrocentos, por antecipação face a uma *respublica christiana* ainda profundamente comprometida com um feudalismo fechado sobre si mesmo, permitindo à intrépida marinagem lusa erguer Além-Mar uma multiplicidade de feitorias litorâneas, rapidamente metamorfoseadas em praças que desafiaram o tempo, alçou Lisboa a capital de um domínio tridimensional sem rival no continente europeu.

O vetusto título usado por D. Manuel I, ainda que vagamente coincidente com a malha territorial sujeita à Casa de Avis, de *Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia*, forjado na plêiade de nautas, soldados e missionários que, em lampejos de heroicidade, manteve arvorado o pendão das Quinas em São Jorge da Mina, Rio de Janeiro, Ormuz, Goa, Malaca, Macau, Ternate ou, já em terras de Cipango, na ilha de Tanegaxima, toste suscitou a zelotipia das principais casas reinantes europeias. À exiguidade do espaço matricial, pequena nave fundeada na abra de uma Castela tão centrípeta quanto aglutinadora, Portugal respondia com a grandeza de outras chãs.

Tal ascendente sobre *gentes de desvairadas misturas*, como no-lo referiu Fernão Lopes, noutro contexto e noutras eras, na *Crónica de el-rei D. Fernando*, só foi possível devido ao facto de os Três Estados da Nação terem secundado as posições régias, em unísono, e da arte de mareagem lusa, sem rival ao tempo, ter estado na vanguarda das expedições europeias para além da sua área de conforto.

Muitos foram os nautas que, desafiando os mares de procela e dominando os temores do século, trouxeram à civilização territórios até então desconhecidos. Os seus nomes, caídos no olvido a partir do momento em que os manuais escolares secundarizaram os anais pátrios em benefício de correntes doutrinárias estranhas, merecem ser aqui hoje recordados. A sua coragem indómita, que só encontraria paralelo noutras geografias, séculos mais tarde, foi garante da independência pátria e deu-nos a dimensão universal da língua que D. Dinis, em 1290, alforriou. O retorno ao espaço primevo, transcorridas cinco centúrias e meia, longe de destruir esse universo linguístico, tão grato ao padre António Vieira, hoje partilhado irmãmente por diversos países repartidos por quatro continentes, fortaleceu-o e guindou-o a uma posição de primeira grandeza no concerto dos areópagos da especialidade.

É sabido que só o tempo reveste as vivências de um manto de clareza que afasta temores e assenta o pó das mágoas. Rememoremos os nomes desses mareantes, amiúde ignorados na própria toponímia nacional, e rendamos-lhes o prei-

to de homenagem merecido. João Vaz Corte-Real e Álvaro Martins Homem descobriram a Terra Nova, por volta de 1472, e sondaram a faixa compreendida entre os rios Hudson e São Lourenço. Mais tarde, seria outro navegador português, João Álvares Fernandes, a reconhecer a costa desta terra que, a 31 de Março de 1949, passou a integrar o Canadá. João Fernandes Lavrador, algures entre 1492 e 1495, perscrutou o litoral nordeste da América do Norte e, conjuntamente com Pêro de Barcelos, o território que, não obstante de forma deturpada, porta hoje o seu nome. João Rodrigues Cabrilho, por seu lado, efectuou importantes explorações marítimas na costa ocidental dos actuais Estados Unidos da América e foi o primeiro europeu a desembarcar, em 1542, na baía de São Diogo, Califórnia. Sebastião Rodrigues Soromenho, piloto-mor da Carreira das Filipinas e China, cartografou toda a linha costeira ocidental norte-americana e fundeou na baía de São Francisco (actual baía Drake).

Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil em 1500, mas é crível que a costa desta imensa terra de Vera Cruz fosse já conhecida dos navegantes portugueses há anos. João Dias de Solis dividiu o rio, em 1516, que veio a tomar o seu nome, mais tarde rebaptizado da Prata, e respectivo estuário, onde foi morto pelos índios charruas.

António de Abreu chegou a Timor em 1512 e, no ano seguinte, Jorge Álvares foi o primeiro europeu a navegar nos mares do Sul da China. Em 1521, Francisco Serrão aportou às Ilhas das Especiarias, arquipélago das Molucas, hoje território indonésio. Gomes de Sequeira e Diogo da Rocha arribaram, em 1525, às Ilhas Carolinas, então designadas como Ilhas de Sequeira, sendo discutível se divisaram a costa ocidental da *terra australis incognita*, renomeada ulteriormente de Austrália. Mais consensual parece ser o nome de Manuel Godinho de Herédia que, em 1601, com algumas décadas de avanço face a Abel Janszoon Tasman, atracou no actual cabo Van Diemen. Um quinquénio volvido, em 1606, Pedro Fernandes de Queirós descobriu as Novas Hébridas, hoje Vanuatu, Sagitária, hoje Taiti, além de outras ínsulas da Polinésia. Em 1506, Tristão da Cunha lançou ferro nas águas do arquipélago que, ainda hoje, porta o seu nome. Em 1512, D. Pedro de Mascarenhas achou, no Índico, a ilha que leva o nome de Diego Garcia. Também se lhe atribui o achamento da Maurícia, igualmente no Índico, não obstante outro nauta português possa ter tido esse privilégio. Em 1543, António da Mota, Francisco Zeimoto e António Peixoto chegaram ao Japão. David Melgueiro, um navegador luso ao serviço dos batavos, foi o responsável pela primeira travessia da